

Folha de S. Paulo

12/7/1986

Sarney diz que problema é do governador Montoro

Da Sucursal de Brasília e da Reportagem Local

O presidente José Sarney, 56, afirmou ontem, por intermédio do seu porta-voz, Fernando César Mesquita, que o incidente ocorrido no município de Leme "é um problema da segurança pública do Estado, afeto ao governo estadual". A Polícia Federal, segundo Mesquita, "só se envolverá se houver uma solicitação" do governador paulista, Franco Montoro, "desde que esteja previsto em lei".

Mesquita afirmou também que "não é intenção do governo aplicar a lei de segurança nacional contra os filiados do PT envolvidos neste episódio. "Trata-se de um caso de polícia, que deve ser analisado como tal", disse o porta-voz. "O governo sempre foi contra a violência. É a favor da conciliação, do entendimento".

Sarney foi informado do incidente de Leme pelo ministro-chefe do SNI (Serviço Nacional de Informações", general Ivan de Souza Mendes, na Base Aérea de Brasília, minutos depois do pouso do Boeing presidencial procedente de Roma, às 8h45. Antes de falar com o presidente, Ivan Mendes já havia relatado o episódio aos ministros Dante de Oliveira (Reforma Agrária) e Almir Pazzianotto (Trabalho), também presentes à Base para recepcionar Sarney.

Assim que chegou ao Palácio do Planalto — ele foi para o seu gabinete direto da Base Aérea —, Sarney recebeu um relatório do SNI, com detalhes sobre o conflito. Conversou demoradamente com Ivan Mendes e Pazzianotto, decidindo, então, não se envolver. Ele tentou falar com Dante de Oliveira, mas o ministro estava em trânsito para Mato Grosso.

Mesquita disse aos jornalistas que o envolvimento de pessoas filiadas ao PT não preocupa o governo federal nem o presidente Sarney. "Ele é presidente da República. Isso deve preocupar o presidente da Câmara, da Assembléia Legislativa", afirmou. O problema de Leme será tratado esta manhã, no Palácio do Planalto, numa audiência que o ministro Paulo Brossard, da Justiça, terá com Sarney, às 11h15.

Montoro

Em entrevista concedida no final da tarde ontem, no Palácio dos Bandeirantes (Morumbi, zona sul de São Paulo), o governador Franco Montoro, 89, disse que os conflitos ocorridos em Leme são "da maior gravidade". Na entrevista, o governador leu uma nota oficial em que anuncia as providências adotadas pelo governo estadual. São elas: instauração de sindicância, paralela ao inquérito policial, para apurar os fatos; solicitação ao procurador geral da Justiça, Paulo Salvador Frontini, de indicação de um promotor público para acompanhar o inquérito (já foi indicado o promotor Francisco Vioti Bernardes, de Santa Rita do Passa Quatro, região de Leme), e solicitação ao presidente da Assembléia Legislativa, deputado Luís Carlos Santos, para que convide o presidente da Comissão de Justiça da Assembléia, Marco Antônio Castelo Branco, para também acompanhar o inquérito.

A versão que o governador dispõe sobre os fatos, segundo informou João Russo, é a de que nas primeiras horas da manhã de ontem, enquanto a polícia negociava com grevistas que faziam um piquete na cidade, tentando obter a liberação de dois ônibus que transportavam trabalhadores, surgiu um Opala azul, com quatro rapazes que teriam iniciado os disparos. Houve então o tiroteio. À tarde, a polícia teria localizado o Opala já abandonado e — segundo a versão que chegou ao governador — foi constatado que o carro pertencia à Assembléia

Legislativa paulista, estando lotado na liderança do PT. Dentro do carro teriam sido achadas uma chapa branca, outra de bronze, facões e porretes de madeira, além de panfletos que teciam elogios ao regime do general Muamar Gadafi, da Líbia.

O governador Franco Montoro concordou, ontem à noite, com a retirada do policiamento ostensivo da tropa de choque da PM durante o enterro das vítimas do incidente.

Pazzianotto

O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, 49, disse ontem, às 16h50, no Aeroporto Internacional de São Paulo, que o incidente com os bóias-frias em Leme “vem introduzir um componente muito complicador para um problema que eu espero que todos nós saibamos colocar de lado, se for possível, para que a questão trabalhista volte a ser cuidada, enquanto as autoridades competentes da área policial apuram as responsabilidades”.

D. Paulo

O cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, falou por telefone com Pazzianotto sobre o episódio em Leme. Segundo ele, o ministro compromete-se a consultar o presidente Sarney sobre a conveniência de sua ida a São Paulo para melhor acompanhar os fatos e, se necessário, ajudar. D. Paulo disse que não sabia de quem teria partido a violência mas comentou: “Certo é que o povo precisa de proteção. E a proteção será sempre a meta número um do governo e de toda instituição que se preza, como a Igreja”.

(Primeiro Caderno — Página 21)